

Um olhar sobre o Rio

Nuno Vasconcellos



Coluna publicada aos
DOMINGOS

umolharsobreorio@odia.com.br

odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/
um-olhar-sobre-o-rio

NAS URNAS

O ELEITOR JULGARÁ CRIVELLA

O cidadão deveria se sentir feliz ao saber que, nos hospitais e nos postos de Saúde de sua cidade, há servidores públicos dispostos a desempenhar da melhor forma possível a função para o qual foram contratados. No Rio de Janeiro, porém, um caso de dedicação e eficiência se transformou em motivo de vergonha. Conforme veio a público, na segunda-feira passada, um grupo de funcionários, em troca de salários de pelo menos R\$ 3 mil por mês, vinha se desdobrando para cumprir uma missão espúria: impedir o trabalho da imprensa nas unidades de Saúde.

Por usar dinheiro público para bancar esses “Guardiões”, o prefeito Marcelo Crivella correu o risco de ser julgado pela Câmara Municipal. Na tarde de quinta-feira passada, pelo placar apertado de 25 votos a 23, os vereadores cariocas rejeitaram o pedido de instalação de uma Comissão Processante que deveria investigar os atos de Crivella. O que os vereadores fizeram, na prática, foi lavar as mãos e transferir para a população a tarefa de julgar o prefeito.

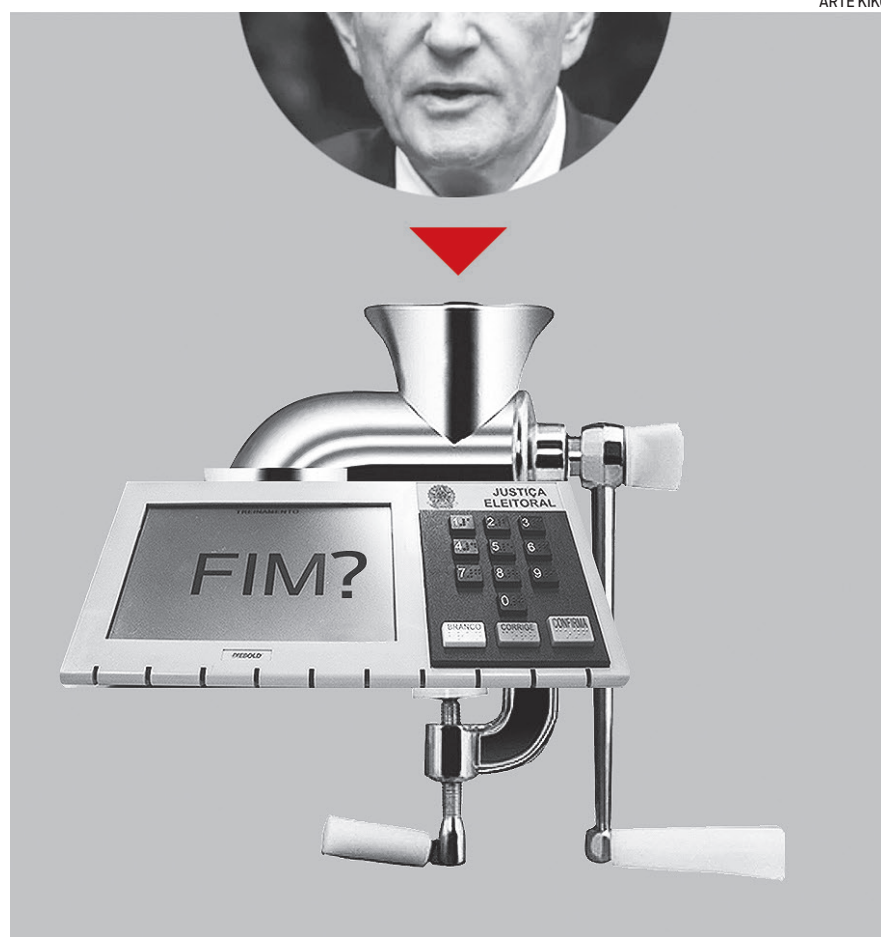
Este é o ponto que interessa. Ainda que a maioria dos vereadores tenha se omitido e decidido não avaliar Crivella pela formação desse bando, a população dará seu veredito em novembro. É lógico que o episódio dos Guardiões não será esquecido e pesará na decisão do eleitor. O veredito, no final das contas, dirá se o carioca aceita ou não ser governado por alguém que usa dinheiro do povo para bancar uma milícia encarregada de fazer o trabalho sujo.

DESVIO INSTITUCIONAL

A contratação de um bando de jagunços com crachás de servi-

dores é um erro maior do que parece. A questão não se resume, no final das contas, à sujeira do trabalho feito pela corja. Ela diz respeito à visão que Crivella demonstra ter das atribuições de um prefeito. A simples existência dos “Guardiões” já demonstra que há algo errado na administração municipal. Gastar dinheiro público para montar uma milícia privada, destinada a cumprir ordens absurdas como a de impedir o trabalho da imprensa, é um desvio institucional grave, que deveria ser cortado pela raiz assim que alguém viesse com essa ideia.

Além disso, é fundamental observar que os alvos dos Guardiões não eram aleatórios. A malta mirava, principalmente, os jornalistas da TV Globo, por quem o prefeito se diz perseguido desde o início do mandato. Os cidadãos que se queixavam da qualidade dos serviços de Saúde diante das câmeras também eram ameaçados. O prefeito pode até ter alguma razão ao se queixar do tom excessivamente ácido com que sempre foi tratado pela emissora. Justiça seja feita, porém, ele jamais deu à TV Globo ou a quem quer que seja motivos para que se falasse bem de seu governo.



EMENDA E SONETO

As palavras do prefeito a respeito das críticas soaram mais como admissão de culpa do que como explicação razoável para a existência dos “Guardiões”. Segundo Crivella, o grupo é formado por “cidadãos” (isso mesmo, o prefeito os chamou de cidadãos) “que comparecem às portas das unidades de Saúde para esclarecer e orientar os usuários, evitando assim que alguém manipulado pelas falsas informações da Globo corra algum risco de morte”. É um caso de emenda pior do que o soneto.

A necessidade de recorrer a “cidadãos” sem relação direta com o serviço prestado para “esclarecer” o usuário sobre o que está acontecendo dentro da unidade de Saúde é uma prova de que a qualidade do serviço prestado ali dentro vai de mal a pior. Ninguém procura o sistema de Saúde em busca de esclarecimentos. O que as pessoas querem, quando vão até lá, são médicos que conheçam sua história e resolvam seu caso.

O cidadão nas urnas não julgará Crivella apenas por esse caso de uso indevido e irresponsável do di-

nheiro público. Ele será julgado pelo conjunto da obra, que inclui promessas não cumpridas e uma série de outras atitudes difíceis de se explicar. Entre elas, a tentativa de se valer do cargo para beneficiar apenas seus eleitores mais cativos e a maneira com que desdenha das tradições e da alegria que são a alma da cidade que o elegeu. O desprezo que ele demonstra ter pelo Carnaval sugere, para dizer o mínimo, falta de conhecimento sobre a importância econômica desse evento.

Crivella alega que pegou o Rio com as finanças em frangalhos. Ele pode até ter alguma razão nessa queixa mas, convenhamos, a maioria dos prefeitos eleitos em 2016 encontrou o caixa zerado e problemas difíceis para resolver. Além disso, todos os políticos que ocuparam a Prefeitura do Rio nos últimos anos encontraram dificuldades para administrar.

“A questão diz respeito à visão que Crivella demonstra ter de suas atribuições”

Cada um à sua maneira, todos deixaram, no final do mandato, uma marca que sobreviveu à sua gestão. O certo, porém, é que, por mais boa vontade que se tenha com Crivella, é difícil encontrar uma única obra relevante que possa ser atribuída a ele. Se ele terá ou não outra chance de deixar sua marca positiva na história da cidade é uma resposta que caberá ao eleitor. Nas urnas.

Siga os comentários de Nuno Vasconcellos no twitter e no instagram: @nuno_vccls

OPINIÃO

A fragilidade do mal



Gabriel Chalita
professor e escritor

Chora Helena, amiga que redescobriu em mim alguma esperança. Diz ditos que me assustam, tamanha dor. Suas palavras desenham, com sangue, acontecimentos que prefiro não espalhar. O que espalho é afeto, é colo, é um bolo que preparei recheado de intenções de adoçar o amargor de seus ontens. Enquanto come, conversa ela comigo.

Trago lembranças da terra onde nasci. Sou das Minas Gerais. Sou das montanhas que permanecem explicando que o vento varre e que o solo fecunda outras histórias.

O marido de Helena é o seu maior calvário. Ouço e ardo em discórdância com os que rasu-

ram a palavra amor. As marcas no corpo de Helena horrorizam a paz que cultivo. Um filho morreu. O outro fugiu do pai ou da mãe, praguejando família sem amor. Ela se culpa pela fragilidade. É boa demais para decidir. Eu discordo.

Aprendi, desde antes, que o bem é mais forte do que o mal. E escrevi, em meus passos, que não cederia nem por medo nem por acomodação. Ainda criança, olhei com piedade para um tio que fez fama ultrajando a mulher. Ela superou e viveu a felicidade dos dias sem ele. Já morreu esse meu tio, morreu de tormenta.

Sim, era sobre a fragilidade do mal que eu dizia à Helena. Mas, para que ele se vá, é preciso que o bem ocupe a cabeceira das conversas. E das caminhadas. Helena come o bolo de cenoura com calda de chocolate. Come e mastiga com a intenção de eternizar o instante. Diz que é bom ficar

comigo. Tem vontade nenhuma de voltar para casa. Pede a Deus que o marido esteja na rua. Eu quebro o raciocínio e tento saber o que Deus pede. Ela espalha simplicidades dizendo que seria bom se Deus falasse. Eu espero mais um mastigar e insisto.

“Eu coloco uma música para agradecer o sol que mesmo partindo ainda aquece”

Deus fala. Ela ouve um piar animado do lado de fora da cozinha. E ri. Gosta do voo dos passarinhos, mas está presa.

É quase hora de o sol se despedir. E, da janela da sala, se vê o longe. E é lindo. E, de perto, ela pouco vê de esperança. Quer

deixar o marido e recuperar o filho, mas não sabe se é certo. Não sabe se tem pena dele ou medo da solidão. Joga palavras desconectadas dos pensamentos. Diz que é a falta de trabalho que o levou para a bebida e para o erro. Depois se lembra de que antes era, também, errado. E chora no intervalo das mordidas do doce.

Eu coloco uma música para agradecer o sol que mesmo partindo ainda aquece. Ela engole o café e suspira de prazer. Pede para ficar um pouco mais. Eu digo que tenho pressa nenhuma. Ela diz que é bom ouvir os passarinhos. Que poderia ter sido cantora. Que poderia ter escolhido uma profissão que viajasse sempre. Eu digo que não há nada melhor do que o ninho da gente. Ela diz nada. E ensaia concordar.

Não posso decidir por ela. Não moro dentro dela. Só posso apresentar o que conheço para que

ela se interesse por outro canto. No canto em que moro, moram o aconchego e a decisão de abraçar o bem como lei inscrita em mim mesmo. É o que me faz forte para combater qualquer desavisado que se ache no direito de sujar os meus dias.

Acabo de decidir que vou cozinhar um bolo por dia até que Helena se fortaleça. Vou misturar o doce que se come com o doce que se sente, quando se sente amado. Vou caminhar com delicadeza pelas suas interrogações e ajudar a minha amiga a exclamar a força da sua liberdade. E vamos, juntos, em busca do filho que desistiu. Enquanto penso, ela sorri como se lesse em mim os dias bons que virão. E dizemos nada depois da decisão.

Amanhã, vou à feira que fica perto de casa e, depois, vou continuar ouvindo os dias e as pessoas que os enfeitam com suas necessidades.

O DIA DISQUE REDAÇÃO: 2222-8069 E 98921-1888

ASSINATURA E ATENDIMENTO AO LEITOR: 2222-8600/2222-8650/2222-8651

EDITOR-CHEFE
Alexandre Medeiros

DEPARTAMENTOS:
Agência O DIA: E-mail: agencia@odia.com.br. Venda de fotos e textos: 2222-8021, 2222-8560 e 2222-8265
Fax Diretoria: 2507-1038

Parque Gráfico: 3891-6000, Av. Dom Hélder Câmara, 164 Benfica Gerência Industrial: 3891-6002 Gerência de Circulação e Logística: 3891-6005
Preço de venda em banca: RJ, MG, SP e ES: R\$ 1,50 (dias úteis) e R\$ 3 (domingos). Distrito Federal: R\$ 3,60 (dias úteis) R\$ 4,40 (domingos). Demais estados: R\$ 4,20 (dias úteis) R\$ 5,10 (domingos)

Exemplares atrasados: Capital: Preço de capa - Demais localidades: preço de capa + postagem. Mais informações: Tels: (21) 2222-8086/2222-8136 - Central de Promoções - Av. Dom Hélder Câmara 164 Benfica, (Parque Gráfico O DIA) - das 9h às 17h.

São Paulo: Avenida Irajá 300 - Sala 306 - Indianópolis. CEP: 04082-000. Tels: 11 94704-2393 / 11 99623-7645 / 11 99973-8313

Brasília: Tel: (61) 9920-91891.

Promoções: promoco@odia.com.br

Classificados: 2532-5000/2222-8652/2222-8653/2222-8654/2222-8655/2222-8656 - De 2ª a 5ª das 9 às 18h e 6ª das 9h às 19h. Todos os cadernos de classificados somente circulam na cidade do Rio e no Grande Rio.

Anúncios de Noticiário: 2222-8191 / 2222-8631 / 2222-8388. Anúncios para o Interior: 2222-8279 - Negociações com agência: 2222-8388 Outros estados: 2222-8279 - De 2ª a 6ª, das 10h às 18h. Atendimento ao jornalista: 3891-6012 - De 2ª a 6ª, das 8h às 12h30 e das 13h30 às 17h.
Editora O DIA LTDA. Rua dos Inválidos 198, 2ª andar, Lapa- CEP: 20.231-048 - Rio de Janeiro - RJ.

O DIA é filiado ao Instituto Verificador de Circulação (IVC).